

MEIO AMBIENTE

“Estamos numa guerra contra criminosos”

Ao Podcast do **Correio**, o comandante geral do CBMDF, Sandro Gomes, afirmou que as chamas que destroem o Cerrado são provocadas por ação humana. De forma intencional ou não, os responsáveis têm travado um combate com os militares

» LETÍCIA GUEDES

Com uma estiagem que dura 151 dias, a capital permanece registrando, diariamente, um alto número de incêndios florestais que castigam o Cerrado. Às repórteres Letícia Guedes e Mila Ferreira, o comandante do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF), coronel Sandro Gomes, entrevistado no Podcast do **Correio**, ontem, afirmou que não há possibilidade de que as chamas tenham origens naturais. Intencionais ou não, as causas são criminosas e constituem uma guerra entre os bombeiros e os autores do crime ambiental.

O incêndio no Parque Nacional de Brasília está totalmente controlado?

O incêndio está controlado. Mas continuamos com 200 militares, em revezamento, atuando diariamente no Parque Nacional de Brasília. Nós não podemos deixar que os focos subterrâneos saiam da mata de galeria e voltem a atingir o parque. Então, estamos junto aos brigadistas do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), fazendo rondas, porque o parque é muito grande: são 42 mil hectares.

Apesar de controlado, ainda há dois focos de incêndios subterrâneos dentro das matas de galeria do parque. O que são esses focos? Como os militares os identificam e como é o trabalho para combatê-los?

Nós estamos mapeando esses focos. Eles são como os cigarros. O cigarro é feito de várias folhas prensadas de fumo que queimam aos poucos. No caso dos focos subterrâneos, trata-se de uma mata de galeria, que fica perto de um córrego, que há dentro do parque, e essa mata é mais verde e frondosa. Ela não pega fogo tão fácil, mas o grande problema é que as folhas dessas árvores caem durante o ano todo e se acumulam, podendo chegar até um ou dois metros de profundidade. Essas folhas vão compactando-se e quando pegam fogo, viram um incêndio subterrâneo. Para combater, nós usamos bombas para mandar água ao solo e, usando materiais de sapa, como enxadas e rastelos, os militares cavam, reviram o material e jogam água, por isso a fumaça sai do solo constantemente. Esse processo é muito similar ao que acontece na Amazônia. Lá, é muito difícil de fazer o combate por isso.

A corporação do CBMDF está abastecida com todos os equipamentos necessários? Há Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para todos os militares?

Nós não temos problemas em relação aos equipamentos. No parque e em todas as ocorrências, nenhum militar sai para atender a ocorrência sem as ferramentas necessárias. Se houver situações em que o militar não estiver com o equipamento, a gente não coloca ele para fazer o combate. Dentro do acampamento, nós temos funções administrativas. A gente monta um sistema de comando de incidentes e uma pessoa fica responsável por pagar o material (distribuir os equipamentos). Hoje, nós temos mais de 2,5 mil EPIs que ainda não foram usados. Durante os cursos de formação, a gente destina os materiais aos novos bombeiros. Às vezes o material pode parecer desgastado, mas é porque é uma roupa de tecido, que retarda o fogo, e pode se desgastar com o tempo.

Desde que o incêndio foi iniciado no Parque Nacional, há indícios de ação criminosa. Como os bombeiros veem isso? É possível uma detecção prévia no momento do combate?

Quando os nossos militares chegam para combater o fogo, a gente vai direto no problema. Geralmente, as pessoas colocam fogo e saem. É uma situação muito complicada. Na quarta-feira, eu passei em uma região perto de um colégio no Noroeste e vi o fogo. A gente acionou o Air Tractor e ele fez o combate. Uma pessoa usando combustível foi responsável por atear fogo lá. O que passa na cabeça desse tipo de ser humano? Infelizmente, também há situações em que os produtores

Ed Alves/CB/DA,Press



Equipamentos usados

- » Sopradores
- » Abafadores
- » Bombas costais
- » Bombas de alta vazão
- » Viaturas terrestres
- » Carro d'água
- » aeronaves que lançam água
- » Drones que fazem a leitura do cenário
- » Câmeras infravermelhas manuais para captar o calor do solo, em caso de incêndio subterrâneo

rurais querem fazer queimadas para limpar a roça. Mas este não é o momento. Olhemos o que está acontecendo no Distrito Federal. A Polícia Militar do DF (PMDF), a Polícia Civil e até mesmo a Polícia Federal estão acompanhando e aprendendo efetivamente quem tem feito esse tipo de queima. Não é momento para fazer queimadas, ninguém consegue mais controlar. Nesta época do ano, o fogo não é natural. Eu estava falando com o meu colega, o coronel Aníbal, que nós fizemos o curso de combate a incêndio florestal em 1998 e, em 30 anos de serviço, nós presenciamos apenas um incêndio natural. Não adianta colocar fogo em roça, em lixo, porque depois não é possível controlar as chamas.

Neste momento, quantos chamados para incêndios florestais o CBMDF tem atendido diariamente?

No DF, o que a sociedade mais solicita é a parte de emergência médica. São de 180 a 200 chamados diariamente. Hoje, os incêndios florestais alcançaram isso. Uma ambulância precisa de três profissionais em cada atendimento. No combate ao incêndio florestal são cinco. A emergência médica se desloca facilmente e tem de ser resolvida o mais rápido possível. Então, após o salvamento, a viatura vai embora, ou seja, a ambulância consegue atender várias ocorrências por dia. Mas no incêndio florestal, não. São várias horas até combater o fogo, o deslocamento é difícil, os locais são de difícil acesso. Mas nós temos um efetivo suficiente.

Qual é o efetivo do CBMDF atualmente?

Hoje, temos 5.927. O efetivo é bom e é suficiente. Nós vamos atender a todas as ocorrências, sim.

A gente percebe que este ano há um aumento exponencial das ocorrências de incêndios florestais, além dos chamados rotineiros como os de emergências médicas. A equipe está exausta?

A gente faz o revezamento das equipes. Não necessariamente os 6 mil militares, entre homens

e mulheres, estão em serviço no mesmo dia. A gente faz a divisão, há os momentos de descanso. São bombeiros e militares que têm preparo físico e psicológico para lidar com tudo isso. Por isso nossa previdência é diferenciada, porque não dá para aguentar um “pancadação” desse por muitos anos. Mas a nossa tropa está motivada. No Parque Nacional, há médicos, assistência psicológica e um pastor também. Cansa? Sim! Mas é necessário e estamos com uma boa estrutura.

Neste momento, 2024 alcança o número de quase 13 mil ocorrências de incêndios florestais. Se comparado ao ano passado, é um volume maior. O que ocorre neste ano?

O ano de 2023 foi atípico, o período de estiagem foi muito menor. Além disso, ano passado não queimou muito e choveu mais, por isso a vegetação está mais densa, o que chamamos de carga de incêndio. Então, pega fogo mais rápido. Este ano também temos mais ventos, que mudam de direção o tempo inteiro e espalham as chamas.

Recentemente, o CBMDF enviou bombeiros para a Bolívia. Como funcionou essa missão?

Lá, há um cinturão na Amazônia que está totalmente vermelho. São 24 militares que estão perto da fronteira para não deixar que o fogo entre na nossa região. Eles já estão retornando e acumularam muitas experiências.

Em qual fase da Operação Verde Vivo (OPVV) estamos neste momento?

A operação tem seis fases, começa mais ou menos em abril e a gente inicia a programação para se adequar de acordo com a demanda necessária. Agora, estamos na 5ª fase. A última fase é a de desmobilização, quando reduzimos o número de militares, que, se Deus quiser, deve ser iniciada mês que vem. Na 5ª fase, agora, é o ápice, nós nos sobrecarregamos, damos o gás para não deixar que os incêndios progridam, mas na fase seguinte diminui. Hoje, estamos no pico.

A Floresta Nacional e o Parque Nacional são áreas federais. Há debates acerca de quem deve atuar nesses locais. Esse é realmente um papel do CBMDF?

Na minha visão, não devemos entrar no mérito de quem deve ou não deve. As matas não devem queimar e nós vamos fazer de tudo para que não queimem.

Bombeiros do DF atuam na Bolívia

ABC e MRE/Divulgação



Os 25 militares levaram equipamentos como sopradores

a qualidade técnica dos bombeiros enviados pelo DF. “Posso garantir que o trabalho realizado aqui é da melhor qualidade. As técnicas empregadas são extremamente eficientes, e os bombeiros do DF têm se destacado”, afirmou.

Além dos 25 profissionais do Distrito Federal, a missão conta

com o apoio de 37 membros da Força Nacional de Segurança Pública e com a chefe da divisão, Rosane, somando 63 no total. “É uma operação conjunta, e também temos bombeiros bolivianos atuando conosco”, ressaltou. A missão tem como objetivo principal combater os incêndios na fronteira e impedir que eles

avancem para os estados do Mato Grosso e Rondônia. “Estamos atuando no Parque Noel Kempff Mercado, que faz fronteira com o Mato Grosso. Nossa missão é evitar que o fogo chegue ao Parque Estadual Ricardo Franco e ao Parque Estadual de Corumbiara, em Rondônia”, completou.

Os militares levaram equipamentos especializados, como sopradores e outros dispositivos de combate a incêndio, para garantir maior eficiência. “Trazemos todo o equipamento necessário para garantir a efetividade do combate, e isso tem nos ajudado muito”, disse. Embora a missão tenha começado no dia 5 de setembro, ainda não há previsão de retorno. Rosane Vieira destacou a importância dessa missão humanitária. “Nossa atuação não é apenas para controlar os incêndios na Bolívia, mas também para garantir que o fogo não chegue ao Brasil. É uma operação de grande relevância”, concluiu.

Incêndio em Santa Maria

Ed Alves/CB/DA,Press



Um incêndio florestal assustou todos que passavam por Santa Maria, no início da tarde de ontem. A vegetação que pegou fogo faz limite com o condomínio Santos Dumont, delimitado por uma cerca de alambrado, que possui em seu entorno uma pista pavimentada, o que dificultou a propagação das chamas para as casas. Por volta das 17h, equipes do Corpo de Bombeiros Militar do DF (CBMDF) ainda atendiam a ocorrência, no rescaldo e resfriamento dos pontos quentes. Os bombeiros utilizaram a aeronave Nimbus Air Tractor para conter as chamas. O consultor comercial Marcos Morozini (foto), 57, mora no residencial e relata que alguns animais corriam para tentar sobreviver.